CADERNOS de TRADUÇÃO

Os Mundurukus. Thomas Mayne Reid e as narrativas de viagem na Itália no final do século XIX

The Mundurukus. Thomas Mayne Reid and travel narratives in Italy at the end of the 19th century

Silvia La Regina
Universidade Federal do Sul da Bahia / Universidade Federal da Bahia
Porto Seguro/ Salvador, Bahia, Brasil
silvialaregina@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1219-8176

Resumo: Este texto é o paratexto da tradução de um artigo sobre os Mundurukus de Thomas Mayne Reid, publicado em 1881 no *Giornale Illustrato dei Viaggi e delle Avventure di Terra e di Mar*e, de Milão. O artigo apresenta sumariamente tradições e características dos Mundurukus, olhados com o costumeiro eucentrismo da época, e se coloca como ótimo exemplo das narrativas de viagem em publicações populares da época. A relevância do texto de Mayne Reid é devida à apresentação de vários aspectos da etnia Mundurukus da época (algumas tradições deles inclusive estão vivas até hoje), ao esforço de resumir para um publico não especialista, em geral juvenil, observações do autor ou de textos relativamente fidedignos por ele lidos, a certa influencia por ele exercida sobre outros atores do mesmo genero na Itália. Ao mesmo tempo, não pode ser negado que o olhar de Mayne Reid, que expressa a costumeira noção de etnocentrismo europeu perante a Amazônia, neste caso não dá excessiva ênfase aos aspectos econômicos e seu interesse em função da expansão colonial, mas parece mais curiosidade por algo tão distante e, para o autor, muitas vezes quase incompreensível.
Palavras-chave: Mayne Reid; narrativas de viagem; Emilio Salgari; tradução.

Abstract: This text is the paratext of the translation of an article about the Mundurukus by Thomas Mayne Reid, published in 1881 in the *Giornale Illustrato dei Viaggi e delle Avventure di Terra e di Mare,* in Milan. Mayne Reid's article briefly presents traditions and characteristics of the Mundurukus, looked at with the usual eucentrism of the time, and stands as a great example of travel narratives in popular publications of the time. The relevance of Mayne Reid's text is due to the presentation of various aspects of the Mundurukus ethnic group at the time (some of their traditions are still alive today), the effort to summarize for a non-specialist public, generally young people, the author's observations or relatively reliable texts read by him, the notable influence he exerted on other authors of the same genre in Italy. At the same time, it cannot be denied that Mayne Reid's perspective, which expresses the usual notion of European ethnocentrism towards the Amazon, in this case does not give excessive emphasis to economic aspects and its interest in terms of colonial expansion, but seems more curious about something so distant and, for the author, often almost incomprehensible.
Keywords: Mayne Reid; travel narratives; Emilio Salgari; translation.

1. Introdução

No final do século XIX, as revistas de viagem, que, diversamente das atuais, não ofereciam estímulos diretos para potenciais turistas, mas relatavam aventuras mirabolantes em países pouco conhecidos, tiveram uma grande difusão em vários países europeus. Com base em romances e narrativas de exploradores, geralmente europeus - versão mais antiga de Indiana Jones em missões de descobertas aparentemente desinteressadas, mas muitas vezes finalizadas a novos empreendimentos comerciais, quando não especificamente coloniais - tais revistas veiculavam histórias fantásticas e fantasiosas, mas ao mesmo tempo contribuíam ao conhecimento sobre nações e povos dos quais se sabia muito pouco. Desnecessário frisar como o olhar fosse totalmente etnocêntrico, pelo qual os povos extra europeus, com raras exceções, eram invariavelmente chamados de "selvagens". Neste sentido, o *Giornale Illustrato dei Viaggi e delle Avventure di Terra e di Mare*, publicado em Milão a partir de 1878, é um exemplo notável, assim como Thomas Mayne Reid (1818-1883), autor irlandês do texto Os Mundurukus cortadores de cabeças aqui traduzido, escritor à época muito famoso com seus mais de 75 romances e numerosos contos de aventuras exóticas, encarna o protótipo do explorador-aventureiro-escritor (ao qual se inspirou Emilio Salgari, como veremos em seguida), inteligente observador com um lugar de falar muito definido, mas, é bom lembrar, polêmica e firmemente contrário à escravidão.

1. As revistas populares e de viagens na Itália

Pensando, portanto, na situação italiana, no que diz respeito às narrativas de viagens num arco de trinta anos podemos citar as seguintes revistas, muitas vezes pouco longevas, mas, ainda assim, em número impressionante, sem esquecer todas as outras de outros gêneros:

- *Giornale Illustrato dei Viaggi e delle Avventure di Terra e di Mar*e (fundado em 1878);
- *La Valigia. Giornale illustrato di viaggi* (fundado em 1879);
- *Per Terra e per Mare – Giornale di Avventure e di Viaggi diretto dal Capitano Cavaliere Emilio Salgari* (fundado em 1904);
- *Viaggi e Avventure di Terra e di Mare – Giornale per la Gioventù e per le Famiglie* (fundado em 1904 e a partir de 1905 dirigido por Luigi Motta);
- *Il Giornale dei Viaggi. Avventure di terra e di mare* (fundado em 1905);
- *L'Oceano – Giornale letterario di Viaggi e Avventure* (fundado em1906, sob a direção de Luigi Motta);
- *Il Vascello – Giornale di avventure di terra e di mare* (fundado em 1906);
- *La Sfinge – Rivista letteraria fantastica di viaggi e avventure* (fundado em 1907); (para esta relação, vide Foni, 2007).

Na Italia, como pontua Michela Toppano (2017) a recente unificação carregou consigo o aparecimento da nova cultura de massa, direcionada à burguesia urbana (penso aqui, por exemplo, a todo o novo contingente de burocratas que acompanhou, na maioria dos casos se deslocando, a mudança da capital para Roma, após 1870, e que deixou marcas também na estrutura urbanística da cidade, como pode ser visto na criação do bairro de Prati) e ao proletariado a ser alfabetizado, categorias que ambas precisavam de leituras do gênero *utile dulci*, portanto educativas, informativas e amenas, de instrução mas também de diversão. O panorama italiano apresentava peculiaridades devidas ao tamanho do novo público, ávido por leituras que, em muitos casos, não se encontravam suficientemente numerosas em italiano, ou os autores nacionais não eram percebidos como competentes. Neste sentido, como justamente pontua Elisa Marazzi, "O século XIX após a unificação [da Itália] representa para os editores italianos o primeiro confronto real com formas de produção industrial e com um mercado moderno, notavelmente ampliado graças à aproximação à leitura de

novas categorias de pessoas" (Marazzi, 2018, p.137)[1].

Situação que levou a um natural incremento das traduções, principalmente do francês, mas também do inglês, como é o caso do texto que aqui foi escolhido e traduzido. Interessante perceber como este complexo di inferioridade dos autores italianos tenha perdurado até épocas mais recentes, como é o caso dos escritores italianos - e principalmente as escritoras - de ficção científica, que até pelo menos a década de '50 do século passado assumiam pseudônimos anglo-saxões, sempre masculinos (cf. La Regina, 2022a).

Voltando ao século XIX, evidentemente, à época, a legislação e a regulamentação relativa às traduções amparavam muito pouco os autores e as editoras do texto fonte: em 1862, por exemplo, foi estipulado um tratado entre França e Itália que dava aos autores o direito sobre as traduções de seus livros por um ano, depois do qual as obras cairiam no domínio público (cf. Marazzi, 2018), e na Itália isso gerou traduções descuidadas e sem respeito pelo texto fonte. Uma exceção, porém, foi o conhecido editor Eduardo Sonzogno, que à época era quem mais publicava séries de romances e revistas de divulgação e que em 1872 empreender uma colaboração com a *Société des gens de lettres*, garantido direitos mais amplos aos autores franceses que publicava (cf. Marazzi, 2018). Sonzogno foi "editor de inspiração democrática, perto das posições radicais e populistas de Felice Cavallotti e atento ao problema do analfabetismo e da educação das classes populares" (Toppano, 2017, p. 38)[2], ativo desde 1861 e que rapidamente tornou-se um dos editores mais populares e, junto com Treves, um dos "colossos" da editoria italiana da época (cf. Marazzi, 2018). Uma revista de grande apelo popular, em muitas época a mais vendida do país, era a *Domenica del Corriere*, de periodicidade semanal, fundada em 1899 por Luigi Albertini e caracterizada por sua capa ilustrada em cores, que reproduzia o acontecimento mais importante da semana transcorrida (penso por exemplo na de 1914 sobre o atentado em Sarajevo[3]); a revista, com artigos, narrativas, matérias de autores nacionais e estrangeiros sobre acontecimentos, costumes, informação, foi ativa até 1989 e, pelo meno até as primeiras décadas do século XX, era "uma ponta de lança da editoria jornalística de amplo consumo" (Foni, 2007, p.186)[4].

Quase vinte anos antes, em 1878, Edoardo Sonzogno fundou em Milão o *Giornale illustrato dei viaggi e delle avventure di terra e di mare* (daqui em diante *Giornale)*, que, como diz seu titulo, oferecia artigos e narrativas sobre todo tipo de viagem, principalmente a países exóticos e então desconhecidos. Como a *Domenica del Corriere*, a capa do *Giornale* trazia uma ilustração sobre o artigo principal da revista (vide a ilustração da tradução dos Mundurukus).

O *Giornale,* com periodicidade semanal, representava, junto com a *Domenica del Corriere* e com as numerosas publicações dos editores "populares" como Treves e, justamente, Sonzogno, uma importante peça da construção daquela literatura popular da qual os livros de Emilio Salgari, de Carolina Invernizio, de Julio Verne, os *feuilletons* franceses, os romances e contos de Conan Doyle, de Henry Rider Haggard e tantos outros autores são importantes representantes, estabelecendo as bases para a literatura de massa do século XX, com seus desdobramentos em outras artes e com outros meios, hoje essencialmente tecnológicos. A respeito da literatura popular esta época, usando estritamente a denominação usada por ele, é sempre importante a contribuição de Antonio Gramsci, especificamente com os textos reunidos em *Letteratura e vita nazionale,* ainda que o pensador sardo não manifeste grande apreço por estes autores: ainda assim, constatamos o esforço de analisar os movimentos e as tendencias literárias italianas e do exterior, como, por exemplo, Jules Verne e o romance "geográfico científico", que diz muito respeito aos nosso assunto. De fato, os textos que as revistas de viagem publicavam eram deste gênero, geográfico-cientifico, de aventura, mas com um

1 "L'Ottocento postunitario rappresenta per gli editori italiani il primo vero confronto con forme di produzione industriali e con un mercato moderno, notevolmente ampliato grazie all'avvicinarsi alla lettura di nuove categorie di persone" (Marazzi, 2018, p.137). Todas as traduções são minhas.

2 "editore d'ispirazione democratica, vicino alle posizioni radicali e populiste di Felice Cavallotti e attento al problema dell'analfabetismo e dell'istruzione delle classi popolari" (Toppano, 2017, p.38)

3 https://bit.ly/3ISK4vq

4 "una punta di diamante dell'editoria giornalistica di largo consumo" (Foni, 2007, p.186).

viés muitas vezes mais fantástico e improvável, no estilo de Emilio Salgari (que, aliás, além de escrever nas revistas, dirigiu, como vimos, *Per terra e per mare*, apesar de nunca ter saído da Itália e de ter inventado, se não os lugares, seus hábitos e suas características). Justamente o que caracterizava Verne, na opinião de Gramsci, era que nos seus romances "jamais há algo completamente impossível […]: em Verne há a aliança do intelecto humano e das forças materiais, […] e por isso, Verne foi mais popular [do que Wells e Poe], porque mais compreensível" (Gramsci, 1996, p.199)[5].

Umberto Eco, no clássico *Il superuomo di massa* (publicado em 1976), define literatura de massa assim: "Nos produtos das comunicações de massa são elaborados lugares já conhecidos pelo usuário e de forma interativa" (Eco, 2016, p. 12)[6]. E ainda: "O romance dito popular [...] o é não porque compreensível para o povo, mas porque [...] o construtor de enredos precisa saber o que seu público espera dele. [...] é popular porque é demagógico" (Eco, 2016, p. 34)[7]. Neste sentido, a literatura de viagem como a do *Giornale* teoricamente não se encaixa nesta definição, porque traz informações e narrativas sobre lugares, pessoas, situações no ambito do desconhecido e do fabuloso ou fantastico (ainda que caracterizadas como verificas e fidedignas, com relatos em muitos casos autópticos), mas, na verdade, fica sempre no âmbito daquilo que o publico quer e deseja ler, com os povos distantes sempre selvagens, os exploradores sempre corajosos e destemidos (a não ser quando traidores), os países longínquos férteis e ricos para além da imaginação. O *Giornale*, que aparentemente tinha como publico alvo os mesmos jovens que liam os romances de Emilio Salgari, portanto essencialmente meninos adolescentes, tinha seções interessantes, como a das "Illustri viaggiatrici" (Madame Godin, Ida Pfeiffer, Carla Serena e muitas outras, numa evidente tentativa de conquistar leitoras), Viaggi celebri, Drammi geografici, Relazioni geografiche, romances tipo *feuilleton* (p.ex. *Il giro del mondo di un biricchino di Parigi,* rigorosamente sem indicação do autor, mas do francês, à época famoso, Louis Boussenard, que escreveu numerosos romances de viagens e aventuras) e muitos outros. Seus artigos, narrativos e cativantes, geravam "um efeito frequentemente mais digno do romance que do relato de crônica" (Foni, 2007, p.220)[8] e misturavam exótico, misterioso, aventuroso, pormenores quanto mais horríveis e sangrentos, dignos do Grand Guignol (vide Foni, 2007), e eventuais e esquemáticas referências histórico-políticas, evidentemente sempre numa perspectiva colonialista e eurocêntrica. Como escreve justamente Toppano, era "Um discurso de modalidade totalmente positivista que expressa uma certa confiança no progresso tecnológico e comercial, nas possibilidades de expansão da civilização ocidental e na sua capacidade de dominar e domesticar a *sauvagerie* (do mundo natural e humano)" (Toppano, 2017, p.40)[9]. Deve ser lembrado o momento histórico no qual estava sendo formada a mentalidade, juntamente com a política, colonial, mentalidade de cuja construção participaram ativamente tanto a *Società Geografica italiana*, fundada em 1867 com objetivos inicialmente científicos e depois cada vez mais claramente colonialistas (cf. Battaglia 1958) como também romances e periódicos como, justamente, o *Giornale*. Neste sentido, como observa Angelo del Boca,

> Das tentativas deste ou daquele viajante passa-se às atividades de grupos e sociedades. Do objetivo modesto das colônias comerciais chega-se àquele, mais trabalhoso, das colônias de povoamento. Das viagens de descoberta, sem outras finalidades, passa-se […] às explorações programadas, com objetivos econômico-políticos […] (Del Boca, *como citado em* Toppano, 2017, p. 40)[10]

5 "non c'è mai nulla di completamente impossibile: […] nel Verne c'è l'alleanza dell'intelletto umano e delle forze materiali […] e perciò Verne è stato più popolare [di Wells e Poe], perché più comprensibile" (Gramsci, 1996, p.199).

6 "Nei prodotti delle comunicazioni di massa vengono elaborati luoghi già noti all'utente e in forma iterativa" (Eco, 2016, p. 12).

7 Il romanzo detto popolare [...] è tale non perché sia comprensibile dal popolo, ma perché [...] il costruttore d'intrecci deve sapere ciò che il suo pubblico si attende. [...] è popolare perché è demagogico" (Eco, 2016, p. 34).

8 "un effetto spesso più romanzesco che cronachistico " (Foni, 2007, p.220)

9 "un discorso di stampo squisitamente positivistico che esprime una certa fiducia nel progresso tecnologico e commerciale, nelle possibilità di espansione della civiltà occidentale e nella sua capacità di dominare e addomesticare la *sauvagerie* (del mondo naturale e di quello umano)" (Toppano, 2017, p.40)

10 Dai tentativi di questo o quel viaggiatore si passa alle attività di gruppi e società. Dall'obiettivo modesto delle colonie commerciali si approda a quello più impegnativo delle colonie di popolamento. Dai viaggi di scoperta, fini a se stessi […]

O que nos faz lembrar, por exemplo, das viagens e dos relatórios, em aparência meramente científicos, como os de Vincenzo Grossi (cf. La Regina, 2023) mas que na verdade obedeciam à vontade colonial italiana - nas duas vertentes de conquista militar e de conquista comercial através de seus emigrantes - e aliás construíam justificativas intelectuais para a politica de expansão italiana na Africa e na América do Sul.

As Américas, de fato, exercem especial fascínio nos leitores, e, pelas razoes citadas acima, a América do Sul, onde as possibilidades de expansão, pelo menos comercial, eram maiores, torna-se frequentemente assunto dos artigos e relatos. Remeto à ótima, já citada, tese de Foni para uma análise dos artigos publicados nas revistas de viagem, hoje muitas vezes um pouco esquecidas; extremamente interessante como várias das revistas aos poucos, por volta de 1910-1920, tenham adquirido um viés cada vez mais fantástico, sendo por vezes precursoras de publicações de ficção cientifica em língua inglesa como *Weird Tales* (1923) e *Amazing Stories* (1926) (cf Foni, 2007). Talvez, mas é uma mera hipótese, ao passo em que o conhecimento dos países do mundo, mesmo os mais distantes, crescia e se aprofundava (e, ao mesmo tempo, as campanhas coloniais italianas tinham alcançado seu truculento objetivo de conquista), relatos "verdadeiros", mesmo que na realidade ficcionais, tenham se tornado menos interessantes para os leitores, que buscavam aventuras cada vez mais fantásticas e sem pretensões de realidade. Aliás, a ficção cientifica italiana, relativamente pouco conhecida, menos ainda quando em seus inícios, apresenta uma produção notável e vivaz, muitas vezes através de contos publicados justamente em numerosas das revistas citadas; o precioso volume de Gianfranco De Turris (2001) situa no *Giornale* e nas revistas que a ele se inspiraram a origem daquelas narrativas de incipiente ficção cientifica de autores em alguns casos hoje esquecidos, mas também de Emilio Salgari, Luigi Capuana, Massimo Bontempelli, Rosso di San Secondo, Fillia, Guido Gozzano, Luigi Motta, Yambo.

2. Os Mundrurukus e Mayne Reid

Chegando finalmente ao artigo aqui traduzido, o curto relato, que apresenta um viés mais descritivo-divulgativo que propriamente aventuroso - mas sem abrir mão de alguns detalhes impressionantes e assustadores - foi publicado em 1881 no *Giornale*, com o destaque de ter dedicada a ilustração da capa e ser o primeiro artigo da revista. Não sabemos quem foi o tradutor nem se o artigo foi escrito para o *Giornale* ou se, como parece mais provável, foi traduzido de alguma outra revista ou, ainda, se era um trecho de um dos muitos livros de Thomas Mayne Reid, que à época gozava de grande fama. Hoje até encontrar informações sobre o escritor do norte da Irlanda parece tarefa quase mais difícil do que explorar territórios desconhecidos: Faz sentido, portanto, encontrar referência a este autor num artigo sobre Salgari, geografia e as explorações: Emilio Salgari, em absoluto o mais lido entre os escritores italianos de aventura (e hoje possivelmente o mais esquecido) lia os volumes da série de livros *La Biblioteca dei viaggi* (porque evidentemente, além das revistas, havia os volumes populares, por edições, preço e alcance) da editora Muggiani: livros nos quais encontramos, além de Verne, Fenimore Cooper e Daniel Defoe, também Mayne Reid (cf. livros nos quais encontramos, além de Verne, Fenimore Cooper e Daniel Defoe, também Mayne Reid (cf. Gonzato, 1995), cuja vida, diferentemente da de Salgari, foi bastante aventurosa e de que "tanto gostou Dickens e que foi definido "o Fenimore Cooper da Inglaterra" (cf. Pozzo, 2000, p.225)[11]. Ainda Pozzo cita o prefácio que Ezio Colombo escreveu em 1878 para um romance de Mayne Reid, e é interessante porque especifica o método do autor:

> O capitão Mayne-Reid pinta segundo a natureza; descreve o que viu. Quando na narrativa tem animais, é porque ele os estudou […] no meio da vastidão das florestas.[…] O nosso autor, longe de copiar os escritores anteriores, corrige suas imprecisões e revela particularidades curiosas o suficiente para merecer ser consultado com vantagem também pelos eruditos" (Colombo, *como citado em* Pozzo, 2000, p. 226-227)[12]:

si passa alle esplorazioni programmate, con obiettivi economico-politici […] (Del Boca, *como citado em* Toppano, 2017, p.40).

11 "tanto piacque a Dickens e che fu definito «il Fenimore Cooper d'Inghilterra" (cf. Pozzo, 2000, p.225)

12 "Il capitano Mayne-Reid dipinge a seconda della natura; descrive ciò che ha veduto. Quando mette in azione degli ani-

O oposto, portanto, de Salgari.

O romance de Mayne Reid *Afloat in The Forest*; or *A Voyage Among the Tree-Tops*, de 1867, é parcialmente ambientado no territorio dos Mundurukus, que recorrem com frequência na historia, como neste trecho, que confirma o conhecimento que o autor tinha da tradição de cortadores de cabeças dos Mundurukus: "O Mundurucú, se estivesse acordado, poderia ter demonstrado certo desconforto com a situação. Mas o índio estava dormindo - talvez sonhando com algum inimigo Mura - cuja cabeça ele teria prazer em embalsamar" (Mayne Reid, 2011, s/p)[13].

No romance, as terríveis formigas do ritual de passagem descrito minuciosamente por Mayne Reid no artigo são corretamente chamadas de *tocandeiras*, o que demonstra que a grafia equivocada que aparece no artigo foi erro de impressão ou de tradução. No mais, muitas das informações que constam no artigo não estão em *Afloat*; já elas aparecem, misturadas com elementos fantásticos e de aventura e muitas outras informações geográfico-históricas, no primeiro romance de Luigi Motta (1881-1955), à época famoso escritor à la Salgari, *I flagellatori dell'oceano* (publicado em 1901 com o prefácio de Emilio Salgari e aqui citado da edição de 1923). Um dos capítulos se chama justamente de *I Mundurucus decapitatori* e alguns trechos, como o que se refere aos Cabanos, têm enormes semelhanças, quase literais, com os do artigo de Mayne Reid. Assim, Motta chama o ritual de passagem dos jovens Mundurukus de "Tocanderra" (Motta, 1923, p.136), com o mesmo erro presente no artigo do *Giornale*. O que importa aqui não é apontar "dividas" de Motta para com Mayne Reid, ou dos dois com outro autor: o que interessa é mostrar uma circulação e circularidade de informações e textos que compuseram um enorme *corpus* extremamente popular e plenamente disponível à época - e hoje quase que completamente esquecido.

Motta nasceu no ano em que o *Giornale* publicou o artigo de Mayne Reid, mas certamente consultou este e outros periódicos nas bibliotecas, e em sua longa e prolifica carreira, além de dirigir, como vimos no começo, revistas de narrativas de viagens, fundou alguns periódicos; interessante lembrar que Motta foi um dos primeiros autores italianos de ficção cientifica (como, aliás Salgari: cf. La Regina, 2022b); sobre o autor, ver De Turris, 2001.

Voltando ao artigo, aqui o autor abusa de termos depreciativos como "selvagens", "primitivos", "povo estranho", "cerimonias absurdas". Ainda assim, deve-se constatar que, junto com este olhar de eurocêntrica (pretensa) superioridade, Mayne Reid demonstra frequentemente respeito, se não exatamente admiração, pelos Mundurukus, sua índole belicosa e suas tradições de grande coragem. Curiosamente, Mayne Reid não aborda a questão da borracha, que os Mundurukus comerciavam em grandes quantidades (cf. Henrique, 2021); e, talvez por ser um texto publicado num periódico possivelmente destinado a jovens, não relata que os Mundurukus "Todos indistintamente andam nus" (Castrovalva, *como citado em* Henrique, 2021, p. 308), segundo o relato de um capuchinho italiano, Frei Pelino de Castrovalva, que em 1871, portanto possivelmente na mesma época à qual se refere Mayne Reid, fundou uma aldeia, a missão do Babacal, para os Mundurukus, organizados de uma forma "bélico-alcoólico" (Henrique, 2021, p. 314) e dominou por vários anos o comércio da borracha e de outros insumos. Observe-se, porém, que Henrique considera que a nudez dos Mundurukus talvez tenha sido um detalhe à época já inverídico, acrescentado para impressionar os leitores europeus do relato de Frei Pelino (Henrique, 2021, p.308).

Quanto à fama de "cortadores de cabeças", é atestada não unicamente pelos relatos aventurosos-geográficos como os de Mayne Reid, de Luigi Motta e outros narradores: em artigo recente, Henrique & Couto (2021) citam Loures que relata:

> O MMIA [Movimento Munduruku ***Ipere*ğ*ay***ũ (MMIA), criado pelos indígenas em 2012] tem a memória do ritual das decapitações e do tratamento das cabeças como uma importante

mali, é perche li ha studiati […] nel mezzo delle vaste foreste[…] Il nostro autore, lungi dal copiare gli scrittori anteriori, rettifica le loro inesattezze e rivela delle particolarità abbastanza curiose per meritare di essere consultato con vantaggio anche dai dotti" (Colombo, *como citado em* Pozzo, 2000, p. 226-227)

13 "The Mundurucú, had he been awake, might have shown some uneasiness at the situation. But the Indian was asleep,—perhaps dreaming of some Mura enemy,—whose head he would have been happy to embalm" (Mayne Reid, 2011, s/p)

> referência. A bandeira do Movimento retrata Karodaybi segurando uma cabeça cortada, e suas lideranças comumente remetem o feito e se autoafirmam como cortadores de cabeças. E vale lembrar que as primeiras cartas escritas em oposição às barragens hidrelétricas já vinham ilustradas com a imagem de cabeças cortadas (Loures, *como citado em* Henrique & Couto, 2021, p. 8).

Mayne Reid observa que "Alguns colocam esses restos imundos, mal embalsamados, no meio da sua plantação de mandioca, como é costume na Europa de colocar um espantalho feito de qualquer jeito para afastar os pássaros da terra cultivada" (Mayne Reid, 1881, p.330)[14]; na verdade sabemos que, como os Jivaros (dos quais eu mesma, quando criança, li em quadrinhos e livros que "encolhiam" as cabeças, um daqueles fatos que impressionavam fortemente os jovens leitores, ainda na segunda metade do século XX), mas de forma diferente, os Mundurukus embalsamavam as cabeças cortadas como trofeus de guerra, segundo precisos rituais que não as deixavam "mal embalsamadas". Copio aqui um longo trecho de 1944, citado por Santos, Salles, Souza & Nascimento

> deixa-se ficar a cabeça cortada com os cabelos e a pele; depois de retiradas não só as partes moles, mas também o encéfalo, através do forame magno, a cabeça era imersa, repetidas vezes, numa mistura de óleo vegetal e urucú (Bixa orellana) e era deixada secar, em seguida, durante alguns dias, no fumeiro ou ao sol. Aos dois lados da cabeça se entreteciam, nos cabelos, cordões de algodão adornados com uma espessa guarnição de penas vermelhas e negras. As órbitas vazias eram recheadas com uma massa gomosa, incrustando-se nesta, em cada lado, o dente retorcido de um roedor. Da boca pendiam cordões trançados, dos quais os mais longos serviam como alça e todos os demais como adorno (Gusinde, *como citado em* Santos, Salles, Souza & Nascimento, 2007, p. 369)

Mayne Reid, talvez pelo horror inspirado pelo ato de cortarem as cabeças, não se detém sobre o importante aspecto ritual da mumificação das tabelas cortadas, nem sobre a complexa e elaborada cerimonia em si. Limita-se a considerar o ato como "selvagem". Os altivos, antigamente ditos "belicosos", Mundurukus, que ainda há poucos anos, em 2013, se empenharam nos Tapajós contra a instalação de hidrelétricas que colocariam em perigo as mais de 15.000 pessoas da etnia e todo o meio ambiente (cf. Fiocruz, s/d), e que têm entre seus representantes um escritor como Daniel Munduruku, quase 150 anos depois do artigo de Mayne Reid ainda seguem lutando.

3. Considerações sobre a tradução do texto

Finalmente, traduzir o artigo de Mayne Reid não apresentou especiais dificuldades, a não ser pela incerteza do autor, ou da revista, quanto a nomes de etnias, plantas e animais. De alguns consegui individuar a grafia correta, mas outros, assinalados nas notas, ficaram desconhecidos. A linguagem é simples e plana, como era de se esperar num texto pensado para jovens, ainda que interessados no assunto e com alguns conhecimentos na área. Obviamente, o fato de o texto fonte ser tradução de outro, ao que tudo indica em inglês, e, portanto, minha tradução ser indireta ("um dos calcanhares de Aquiles dos Estudos da Tradução no Brasil e no mundo", Hanes, 2019, p.18) põe as conhecidas dificuldades deste tipo de traduções: nas traduções indiretas

> o distanciamento frente ao texto-fonte aumenta, seja em aspectos linguísticos, tipográficos e/ou culturais, o que a torna um processo/produto com grandes chances de ser relegado à falta de crédito […] Tradução indireta, tradução intermediada, tradução de segunda mão, tradução de desvio, inúmeras denominações que reportam a uma atividade preferencialmente evitada, devido à norma regente, de que o texto-fonte detém a supremacia (Acácio, 2010, p.98-100).

14 "Ve ne sono certi che collocano questa lurida spoglia, imbalsamata in malo modo, in mezzo al lor campo di manioc, come s'usa in Europa d'un fantoccio qualunque per tener lungi gli uccelli dalla terra coltivata."

Acrescente-se o fato de que, como nas caixinhas chinesas, o texto de Mayne Reid - que, ao que se sabe, não veio ao Brasil, portanto não seguindo aqui o método comentado por Ezio Colombo - deve ser adaptação de outro(s), talvez, quem sabe, brasileiros, numa circularidade que seria fascinante, ou de viajantes franceses ou espanhóis - sem esquecer o capuchinho Frei Pelino, que, se fosse a fonte de Mayne Reid, também estabeleceria uma circularidade. O que importa, porém, é que este breve artigo é um excelente exemplo da grande tradição de divulgação e narrativa sobre viagens em territórios "exóticos" que povoou o imaginário europeu, e, infelizmente, deu estimulo - algumas vezes indireto - às conquistas coloniais do final do século XIX e começo do século XX.

Referências

Acácio, M.A. (2010). Tradução indireta: uma prática de divulgação e enriquecimento cultural. *TradTerm* 16, pp. 97-117. https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2010.46313

Battaglia, R. (1958). *La prima guerra d'Africa*. Einaudi.

Eco, U. (2015). *Il superuomo di massa. Retorica e ideologia nel romanzo popolare*. Bompiani.

De Turris, G (ed). (2001). *Le Aeronavi dei Savoia. Protofantascienza italiana 1891- 952, con la collaborazione di Claudio Gallo*. Editrice Nord.

Fiocruz (s/d). *PA – Munduruku e ribeirinhos lutam pela vida e contra complexo de hidroelétricas em seu território*. https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/pa-munduruku-e-ribeirinhos-lutam-pela-vida-e-contra-complexo-de-hidreletricas-em-seu-territorio/

Foni, F. (2007). *"I lettori hanno bisogno di sale, di droghe, di eccitanti". Nero, fantastico e bizzarrie varie nella Domenica del Corriere* (1899-1909). [Tesi di dottorato] Università degli studi di Trieste. https://www.openstarts.units.it/entities/publication/9f725998-bcd9-454e-b357-915623fe6499/details.

Gonzato, S. (1995). *Emilio Salgari. Demoni, amori e tragedie di un "capitano" che navigò solo con la fantasia*. Neri Pozza.

Gramsci, A. (1996). *Letteratura e vita nazionale*. 3. ed. Editori Riuniti. https://liberliber.it/opere/download/?op=2345992&type=opera_url_pdf.

Hanes, V.L.L. (2019). (Re)pensando o conceito de tradução indireta em textos literários. *Ilha do Desterro* 72 (2), pp. 17-24, DOI: http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n2p17

Henrique, M.C. (2021). Entre fuzis, cachaça e crucifixos: a catequese dos Munduruku no aldeamento do Bacabal (1872-1882). *Revista Brasileira de História*, 41 (88), pp. 307-329. http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v41n88-15.

Henrique, MC, Oliveira, RM (2021). Os 'cortadores de cabeças': a memória como patrimônio dos Munduruku. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi. Cienc. Hum.*, 16 (2). DOI: 10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0049

La Regina, S. (2023). Vincenzo Grossi: traduzindo o olhar colonial. *Cadernos de Tradução*, *43*(esp. 2), pp. 369–386. https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e96015

La Regina, S. (2022a) Sotto altri nomi. L'invisibilità di Roberta Rambelli. *Mosaico Italiano*, XIII, 211, pp.14-18.

La Regina, S. (2022b). Os horrores do ano 2000. In Salgari, E. *As maravilhas do ano 2000*. (Trad. S S.La Regina). (pp. 221-225). Diario Macabro.

Marazzi, E. (2018). Pubblicare traduzioni nel secondo Ottocento. Le strategie degli editori italiani nell'archivio Hachette. In Brigatti V., Cavazzuti A.L., Marazzi E., Sullam S. *Archivi editoriali: tra storia del testo e storia del libro*. (pp. 137-154). Unicopli. https://eprints.ncl.ac.uk/261038.

Mayne Reid, T. (2011) *Afloat in the Forest*. Projeto Gutenberg. https://www.gutenberg.org/files/35213/35213-h/35213-h.htm

Mayne-Reid, T. (1881). I popoli selvaggi. I Mundurukus decapitatori. *Giornale illustrato dei viaggi e delle avventure di terra e di mare*. Milano, anno III, n.146, 16 giugno 1881. pp.330-331. https://bit.ly/3Twbjkq.

Motta, L. (1923). *I flagellatori dell'oceano*. L'Italica. https://digit.biblio.polito.it/secure/4339/1/I_Flaggellatori_DellOceano_Compresso.pdf

Pozzo, F. (2000). Emilio Salgari, geografia e esplorazioni. *Bollettino della Società Geografica Italiana*, ROMA - Serie XI, vol. XI, pp. 225-236. https://www.bsgi.it/index.php/bsgi/article/view/2647/1965.

Santos, S.F.dos, Salles, A.D, Souza, S.M.F.M & Nascimento, F.R. (2007). Os Munduruku e as "cabeças-troféu". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 17, pp. 365-380. https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/89804/92604.

Toppano, M. (2017). Federico De Roberto e il *Giornale illustrato dei viaggi e delle avventure di terra e di mare*. *Studi sul Settecento e l'Ottocento*: *rivista internazionale di italianistica*, XII, pp.37-61.

Notas

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: S. La Regina
Coleta de dados: S. La Regina
Análise de dados: S. La Regina
Discussão dos resultados: S. La Regina
Revisão e aprovação: S. La Regina

Conjunto de dados de pesquisa
Não se aplica.

Financiamento
Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem
Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa
Não se aplica.

Conflito de interesses
Não se aplica.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa
Os dados desta pesquisa, que não estão expressos neste trabalho, poderão ser disponibilizados pelo(s) autor(es) mediante solicitação.

Licença de uso
Os autores cedem à Cadernos de Tradução os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

Publisher
Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista Cadernos de Tradução é hospedada pelo Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editores
Andrea Ragusa
Alice Girotto

Editores de seção
Andréia Guerini - Ingrid Bignardi

Revisão de normas técnicas
Ingrid Bignardi

Histórico
Recebido em: 07-10-2024
Aprovado em: 15-11-2024
Revisado em: 09-12-2024
Publicado em: Dezembro de 2024

CADERNOS de TRADUÇÃO

Os Mundurukus cortadores de cabeças

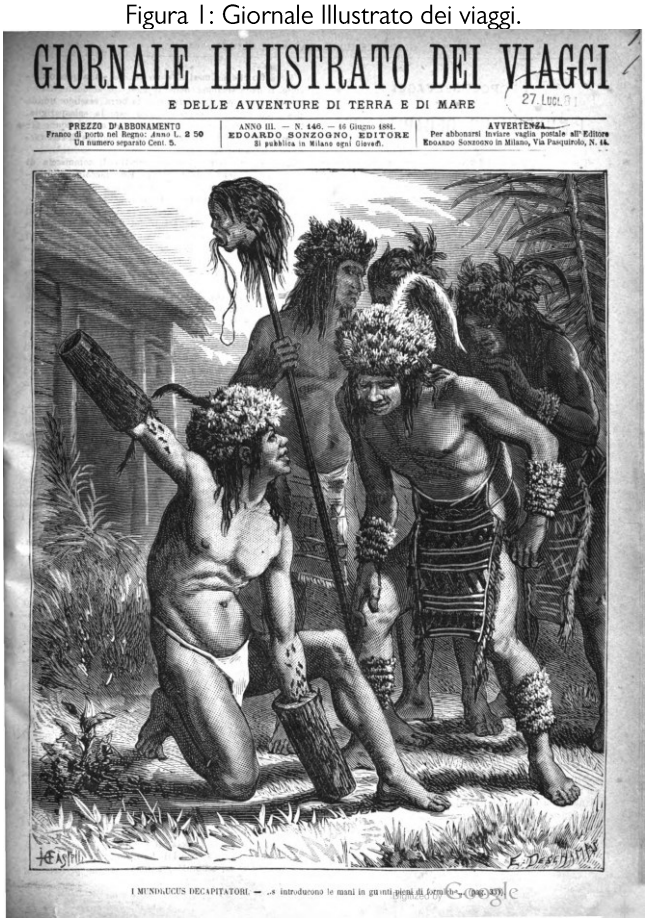
I popoli selvaggi. I Mundurukus decapitatori.

Thomas Mayne-Reid

Tradução de:

Silvia La Regina
Universidade Federal do Sul da Bahia
Universidade Federal da Bahia Porto Seguro
Salvador, Bahia, Brasil
silvialaregina@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1219-8176

Figura 1: Giornale Illustrato dei viaggi.



Fonte: Google.

Cadernos de Tradução, *44*(esp. 4), 2024. e104173
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-7968
DOI https://doi.org/10.5007/2175-7968.2024.e104173

I popoli selvaggi
I Mundurukus decapitatori

Tra le strane tribù che vivono sul territorio delle Amazzoni, i Mundrucus contano senza dubbio come una nazione seria, e verso la quale bisogna aver certi riguardi, quando si rifletta alle sue disposizioni guerriere. Questi indigeni formano un'agglomerazione di più villaggi, annessi e conquistati, e soggiogati da vari Mundrucus, come le sono certe tribù di Pelli-Rosse dell'America del Nord, i Comanchi, per esempio, che hanno introdotto nel loro seno i Waccos, i Washili ed i Kioways.

Prima del tempo in cui i portoghesi esercitavano il commercio di schiavi, i Mundrucus occupavano la riva del fiume Amazzoni, dall'imboccatura del Tapajos fino a quella del Madeira.
Quest'infame caccia all'uomo ebbe per risultato la fuga degli indigeni di questi paraggi, ad eccezione nondimeno degli uomini, che si sottomisero alla schiavitù o divennero cattolici convertiti dai missionari.

I Mundrucus resistettero più addentro nelle loro terre, senza essere battuti o vinti, senza cedere alla paura, ma effettuando una ritirata in buon ordine, malgrado gli attacchi dei Portoghesi che si videro costretti a stringer alleanza con questi selvaggi, e, presentemente, i Mundrucus stanziati al di sopra delle cateratte del Tapajos, vivono in perpetua ostilità coi brasiliani di razza nera, dall'anno 1835 nel quale questi ultimi furono adoperati contro i ribelli, chiamati Cabaños , che ridussero e forzarono a sottomettersi.

Os povos selvagens
Os Mundurukus cortadores de cabeças

Entre as estranhas tribos que vivem no território das Amazonas, os Mundurukus contam, sem dúvida, como uma nação séria, em relação à qual certos cuidados devem ser tomados quando se consideram suas disposições guerreiras. Esses povos indígenas formam uma aglomeração de diversas aldeias, anexadas e conquistadas, e subjugadas por vários Mundurukus, como certas tribos de pele vermelha [sic] da América do Norte, os Comanches, por exemplo, que introduziram em seu meio os Wacos, os Washili[1] e os Kiowas.

Antes da época em que os portugueses praticavam o tráfico de escravos, os Mundurukus ocupavam a margem do rio Amazonas, desde a sorgente do rio Tapajós até à do rio Madeira.
Essa infame caçada resultou na fuga dos indígenas dessas áreas, com exceção dos homens que se submeteram à escravidão ou se tornaram católicos, convertidos pelos missionários.

Os Mundurukus resistiram adentrando ainda mais em suas terras, sem serem derrotados, sem ceder ao medo, mas recuando em boa ordem, apesar dos ataques dos portugueses, que foram obrigados a formar uma aliança com esses selvagens, e, atualmente, os Mundurukus estabelecidos acima das cataratas do Tapajós vivem em perpétua hostilidade com os brasileiros de raça negra, desde o ano de 1835 no qual estes foram empregados contra os rebeldes, chamados Cabanos[2] que derrotaram e obrigaram a se submeter.

[1] (N.T.) Deve haver um erro na grafia; não consegui informações sobre os Washilis norte americanos, mas encontrei somente um sultanato na Grande Comore.
[2] (N.T.) Sobre a chamada revolução dos cabanos, ver, entre outros, M. Ricci, Cabanagem, cidadaniae identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Dossiê: Cidadania e Pobreza • Tempo 11 (22) • 2007. p.3-30. https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002

È dunque a Tapajos, che s'incontrano i Mundrucus, che vivono in buoni rapporti coi bianchi, ma in continua guerra colle tribù rivali che confinano col loro territorio.

Il tempio dei Mundrucus si chiama Malocca: è là che si trova il loro arsenale, la lor camera di consiglio, la loro sala da ballo. Quest'edificio può trasformarsi da un momento all'altro in una fortezza perchè i selvaggi non lasciano le loro armi nè di giorno nè di notte. Nel tempio trovasi come ornamento delle teste umane tagliate dagli indigeni e fatte seccare accuratamente. È a questi sanguinosi trofei che i Mundrucus devono il loro nome di decapitatori.

Tutt'intorno alla Malocca si stende un villaggio composto di tende che servono di residenza alle famiglie selvagge.

Come mezzo di sussistenza gli indigeni coltivano il manioc e il maiz, ch'essi sanno ridurre in farina. Il loro vasellame consiste in zucche d'ogni sorta, e gli arnesi casalinghi son simili a quelli dei loro vicini del fiume Amazzoni.

Le armi dei Mundrucus sono la lancia, l'arco e le freccie. I loro mezzi di locomozione consistono in canotti aperti in tronchi d'albero, coll'ajuto dei quali gli uomini cacciano e pescano sul gran fiume, mentre le donne coltivano la terra, raccolgono le messi, tagliano la legna d'ardere e fan provvista d'acqua potabile, preparano il pasto, accomodano gli attrezzi ed utensili; tutte occupazioni considerate tra i Mundrucus come indegne del sesso forte.

I Mundrucus fanno coi bianchi un gran commercio di salsapariglia, il cui raccolto si fa in sei mesi dell'anno, i sei altri essendo occupati nella guerra

É, portanto, no Tapajós que se encontram os Mundurukus, que vivem em boas relações com os brancos, mas estão constantemente em guerra com as tribos rivais que margeiam seu território.

O templo dos Mundurukus chama-se *Maloca*: é lá que estão localizados o seu arsenal, a sua câmara do conselho, o seu salão de baile. Este edifício pode transformar-se numa fortaleza a qualquer momento porque os selvagens não largam as armas nem de dia nem de noite. No templo, cabeças humanas cortadas pelos nativos e cuidadosamente secas são encontradas como enfeites. É a esses sangrentos troféus que os Mundurukus devem seu nome de cortadores de cabeça.

Ao redor da *Maloca* se espalha uma aldeia composta por tendas que servem de residência para as famílias selvagens.

Como meio de subsistência os indígenas cultivam mandioca e milho, que sabem transformar em farinha. Sua cerâmica consiste em cabaças de todos os tipos e seus utensílios domésticos são semelhantes aos de seus vizinhos do rio Amazonas.

As armas dos Mundurukus são a lança, o arco e as flechas. O seu meio de transporte consiste em canoas abertas feitas de troncos de árvores, com a ajuda das quais os homens caçam e pescam no grande rio, enquanto as mulheres cultivam a terra, fazem a colheita, cortam a lenha e abastecem-se de água potável, preparam a refeição, guardam as ferramentas e os utensílios; todas as ocupações consideradas entre os Mundurukus como indignas do sexo forte.

Os Mundurukus fazem com os brancos um grande comércio de salsaparrilha, cuja colheita acontece em seis meses do ano, estando os outros seis

coi vicini. Questa pianta medicinale è foggiata da essi per ornamenti di lusso ed adoperata in luogo d'istrumenti di ferro.

Il paese dei Mundrucus, ove nessun Europeo ardirebbe penetrare, produce la miglior salsapariglia: è quella conosciuta dalla medicina e farmacia col nome di Lisbona o Brasile, e la di cui pianta si chiama Simlex papugiacea.

Ho detto che sei mesi all'anno son dedicati a questo raccolto. È nella stagione delle piogge che le donne fanno questo lavoro, per il motivo che la terra essendo umida riesce più facile di scavare e strappare la salsapariglia.

Nulla di più curioso che il veder la sera queste donne far ritorno all'alloggio cariche di un fascio enorme ch'esse raccolsero nella foresta.

La salsapariglia non è il solo oggetto di commercio di queste popolazioni delle Amazzoni. Esse raccolgono eziandio il guaranu che è un febbrifugo assai noto e riputato.

Aggiungerò a questo prodotto una specie di tabacco da naso che i Mundurucus preparano per loro stessi, ed i cui effetti sono elettoici: perché introdotta un poco di questa polvere nel naso, sembra a tutta prima render pazzo chi l'ha respirata, ma quando la convulsione è passata, riprende nuova forza e la gioja compare sul di lui viso. Questa polvere è fatta con grani d'un'acacia che chiamasi *niopo* o *lingoagéral*.

ocupados na guerra com os vizinhos. Esta planta medicinal é utilizada por eles para ornamentos de luxo e usada no lugar de instrumentos de ferro.

O país dos Mundurukus, onde nenhum europeu ousaria penetrar, produz a melhor salsaparrilha[3]: é aquela conhecida na medicina e na farmácia pelo nome de Lisboa ou Brasil, e cuja planta se chama *Simlex papugiacea*[4].

Eu disse que seis meses do ano são dedicados a esta colheita. É na época das chuvas que as mulheres fazem este trabalho, porque a terra úmida facilita cavar e colher a salsaparrilha.

Nada mais curioso do que ver estas mulheres regressarem à noite às suas cabanas, carregadas com uma enorme trouxa [de salsaparrilha] que elas colheram na floresta.

A salsaparrilha não é o único objeto de comércio dessas populações amazônicas. Eles coletam também o guaraná, um febrífugo muito conhecido e valorizado.

Acrescentarei a esse produto uma espécie de rapé que os Mundurukus preparam para si mesmos, e cujos efeitos são alucinógenos[5]: porque, ao introduzir um pouco desse pó no nariz, a princípio a pessoa que o respirou parece enlouquecer, mas passada a convulsão, ele recupera novas forças e a alegria aparece em seu rosto. Este pó é feito

[3] (N.T.) A qualidade da salsaparilha produzida pelos Mundurukus é atestada por Tavares em 1876, *como citado em* Henrique, 2021.
[4] (N.T.) Novamente, foi impossível encontrar referências quanto à Simlex papugiacea.
[5] (N.T.) Não encontrei o termo nem em italiano nem em português nem em inglês. Acredito que possa ser substituído, e foi isso que usei, por alucinógeno ou enteógeno, ambos vocábulos que não existiam à época da redação do texto.

com grãos de uma acácia que chamam de *niopo*[6] em *Língua geral*[7].

I Mundrucus hanno l'abitudine di tatuarsi il corpo; presso quei popoli strani l'arte di disegnarsi segni incancellabili tra la cute e la carne divenne e restò un'istituzione, e malgrado il dolore che prova colui che è sottomesso al tatuaggio, questo supplizio è inflitto alle donne-ai fanciulli ed agli uomini. Sono delle vecchie della tribù che praticano quest'operazione e che si mostrano tanto destre ed abili nella combinazione e bizzarria di disegni inoculati nella pelle delle loro vittime.

Os Mundurukus têm o hábito de tatuar seu corpo; entre aqueles povos estranhos a arte de desenhar signos indeléveis entre a pele e a carne tornou-se e permaneceu uma instituição e, apesar da dor sentida por quem é submetido à tatuagem, esta tortura é infligida a mulheres crianças e homens. São velhas da tribo que praticam esta operação e que se mostram tão competentes e habilidosas na combinação e bizarria dos desenhos inoculados na pele de suas vítimas.

Le donne aggiungono al tatuaggio delle collane di perle, dei braccialetti di denti di jaguar e di scimia.

As mulheres acrescentam às tatuagens colares de pérolas, pulseiras de dentes de onça e de macaco.

Quanto agli uomini che, contro l'usanza danno l'impronta alla moda, dai dipingono il corpo con colori di diverse gradazioni e collocano sulla fronte un diadema di brillanti, piume di cacatoa o d'altri uccelli dei tropici, per esempio colibri; aggiungete a ciò braccialetti della stessa natura e delle gambiere della medesima qualità, e voi avrete a voi davanti il vero Mundrucus che rassomiglia a quei selvaggi che siamo soliti a vedere talora in teatro, personificazione di tutti i selvaggi nel mondo.

Já os homens, que, contrariamente ao que é de costume, dão o tom da moda, pintam o corpo com cores de diversos tons e colocam na testa um diadema brilhoso, penas de cacatua ou outras aves tropicais, como os beija-flores; acrescentem a isso pulseiras da mesma natureza e grevas da mesma qualidade, e terão diante de si o verdadeiro Munduruku que se assemelha àqueles selvagens que estamos acostumados a ver às vezes no teatro, a personificação de todos os selvagens do mundo.

I Mundrucus subiscono non soltanto il tatuaggio, ma ancora il battesimo del fuoco ch'essi chiamano Tocanderra. Ecco di che si tratta.

Os Mundurukus enfrentam não só a tatuagem, mas também o batismo de fogo que chamam de Tocandira[8]. Eis de que se trata.

[6] (N.T.) A acácia tem afinidades com a ayahuasca; a *Anadenanthera* peregrina ou niopo, conhecida também como angico, tem propriedades alucinógenas, sendo que suas sementes tratadas com cinzas são usadas como rapé (yopo) em cerimonias religiosas, causando justamente efeitos alucinógenos e sagrados (*online* encontra-se à venda "Rapé Indígena Ayahuasca Da Floresta Direto Floresta Extra Forte", https://medicinasxamanicas.com/produtos/rape-indigena-ayahuasca-da-floresta-30-gramas-direto-floresta-extra-forte/). Cf. Árvores do bioma cerrado: https://www.arvoresdobiomacerrado.com.br/site/2017/06/21/anadenanthera-peregrina-l-speg/

[7] (N.T.) Aqui Mayne Reid, ou quem esteve entre os Mundurukus, deve ter ouvido "niopo em língua geral", e, não conhecendo a língua geral, entendeu que eram dois nomes diferentes.

[8] (N.T.) Tocandira ou tucandeira é uma formiga da Amazônia, conhecida pela dor atroz que suas picadas provocam. O ritual existe até hoje e é muito parecido com o descrito por Mayne Reid. Cf. https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/indigenas-da-amazonia-tem-dores-frequentes-mas-nao-reclamam/

Al punto in cui i fanciulli maschi toccano la pubertà, si introducono le loro mani in guanti fabbricati con scorza di palmizio che son ripiene di formiche viventi, tutte più velenose le une delle altre.

Se il neofito rifiuta, è disonorato, visto che non potrà levar la testa a trovare donna nella tribù. Ma i casi di vigliaccheria son rari, eccezionali.

Il disgraziato caccia dunque le mani in questa scatola velenosa, ed è obbligato a danzare innanzi alla porta di tutte le capanne della sua tribù; cantare, sorridere, ed è accompagnato in questi esercizi da una folla d'amici, di parenti che suonano strani strumenti, tamburi e trombe, flauti di forme impossibili, in modo d'incoraggiarlo a sopportare il dolore.

Per quanto orribile possa essere lo strazio dell'infelice, egli deve durare a tenersi ritto sotto di esso. Il veleno penetrò nel suo sangue, ha la febbre, vacilla, che monta? non deve manifestarsi pusillo, perché sarebbe perduto in riputazione: mai stringerebbe nelle mani la lancia dei Mundrucus.

Alla fine ubbriacato dal dolore, smarrito, ecco il suppliziato innanzi alla porta della residenza del capo. Allora soltanto gli si cavano i guanti, ed a quel punto solo il Mundrucus sottoposto a questa prova di coraggio può lasciarsi cadere tra le braccia di quelli che lo circondano. Tutti si congratulano con lui. Le fanciulle l'abbracciano e gli si gettano al collo. Ma, ahimè, ciò che preferisce il giovane è un buon bagno che lo sbarazzi dalle punture e dai morsi che lo fanno soffrire come un martire.

Quando l'acqua calmò la febbre che lo divora, può, allora soltanto, rallegrarsi del suo trionfo,

No momento em que as crianças do sexo masculino atingem a puberdade, suas mãos são colocadas em luvas de casca de palmeira e cheias de formigas vivas, cada uma mais venenosa que a outra.

Se o neófito recusar, será desonrado, pois não conseguirá levantar a cabeça para encontrar uma mulher na tribo.Mas os casos de covardia são raros, excepcionais.

O infeliz enfia então as mãos nesta caixa venenosa e é obrigado a dançar diante das portas de todas as cabanas de sua tribo; cantar, sorrir, e é acompanhado nesses exercícios por uma multidão de amigos, parentes que tocam instrumentos estranhos, tambores e trombetas, flautas de formatos impossíveis, para incentivá-lo a suportar a dor.

Por mais horrível que seja o tormento do infeliz, ele deve aguentar e para se manter de pé sob ele. O veneno penetrou no sangue dele, ele está com febre, vacilando, o que importa? não deve demonstrar-se covarde, porque perderia a reputação: jamais seguraria nas mãos a lança dos Mundurukus.

Afinal, embriagado de dor, perdido, eis o torturado diante da porta da residência do cacique. Só então as luvas lhe são retiradas e só então o Munduruku submetido a esta prova de coragem pode deixar-se cair nos braços daqueles que o rodeiam. Todos o parabenizam. As meninas o abraçam com fervor. Mas, infelizmente, o que o jovem prefere é um bom banho que alivie as picadas e mordidas que o fazem sofrer como um mártir.

Quando a água acalmar a febre que o devora, só então ele poderá alegrar-se com seu triunfo,

assaporare l'onore del suo coraggio. È diventato un vero guerriero mundrucus e può aspirare alla mano della più bella fanciulla a sua scelta.

Allorchè un Mundrucus ha ucciso il nemico che insegue, non gli basta di possedere come prova della sua vittoria la cute capelluta della sua vittima, gli occorre la testa tutta intiera, e decapita il morto col proprio coltello. Il resto del cadavere è abbandonato agli uccelli di rapina.

Ciò fatto, il Mundrucus vincitore, infigge questa testa al sommo d'una lancia e ritorna a testa alta verso la Molacca [sic], vi depone la testa e riceve le congratulazioni del capo e de 'suoi amici.

Ma essa non resterà sempre là. Capita una grand'occasione, una festa, una cerimonia, ed il vincitore andrà a riprendere quel trofeo, col quale farà bella mostra di se. Ve ne sono certi che collocano questa lurida spoglia, imbalsamata in malo modo, in mezzo al lor campo di manioc, come s'usa in Europa d'un fantoccio qualunque per tener lungi gli uccelli dalla terra coltivata.

I Mundrucus sono raramente scarsi di viveri; in questo caso eccezionale essi devono accusare se stessi. Il suolo del paese che abitano è d'una fertilità senza esempio, ed i frutti che vi si trovano sono abbondantissimi. Citerò le noci del Brasile, derivanti dall'albero chiamato: Bertholetia excelsa, e anche da quello chiamato Lecythys ollaria.

La raccolta di queste noci basta al loro consumo e anche più, perché ne vendono grandi quantità ai Brasiliani e a tutti coloro che trafficano con essi.

saborear a honra de sua coragem. Tornou-se um verdadeiro guerreiro Munduruku e pode aspirar à mão da mais bela donzela de sua escolha.

Quando um Munduruku mata o inimigo que está perseguindo, não basta possuir como prova de sua vitória o escalpo de sua vítima[9], mas ele precisa da cabeça inteira e corta a cabeça do morto com sua faca. O resto do cadáver é abandonado às aves de rapina.

Feito isso, o vitorioso Munduruku finca esta cabeça no topo de uma lança e volta com a cabeça erguida em direção à *Maloca*, coloca ali a cabeça e recebe os parabéns do cacique e de seus amigos.

Mas nem sempre ficará lá. Acontece uma grande ocasião, uma festa, uma cerimônia, e o vencedor irá buscar aquele troféu, com o qual se exibirá. Há certas pessoas que colocam esses restos imundos, mal embalsamados, no meio da sua plantação de mandioca, como é costume na Europa de qualquer fantoche para afastar os pássaros da terra cultivada.

Os Mundurukus raramente têm falta de comida; neste caso excepcional, eles devem culpar a si próprios. O solo do país que habitam é de uma fertilidade sem precedentes e os frutos ali encontrados são muito abundantes. Mencionarei a castanha-do-pará, proveniente da árvore chamada: *Bertholletia excelsa*, e também daquela chamada *Lecythis ollaria*[10].

A colheita dessas castanhas é suficiente para o seu consumo e ainda mais, pois vendem grandes quantidades delas aos brasileiros e a todos aqueles que as negociam.

[9] (N.T.) Aqui Mayne Reid faz um evidente paralelismo com as tradições dos nativos americanos, que ele conhecia muito bem.
[10] (N.T.) Chamada hoje de *Lecythis lanceolata*.

Nella pratica dell'agricoltura, i Mundrucus sono assai abili. Son le donne ed i fanciulli che aprono i solchi, piantano, seminano, raccolgono i legumi ed i frutti.

La carne è rara nel paese di questi selvaggi, perché i buoi ed i montoni non fanno punto parte degli animali domestici di queste tribù. I sockos, i vampiri e le mosche non permettono l'allevamento del bestiame. Ma i Mundrucus dan la caccia al tapiro, agli uccelli ed alle scimie. Questa specie di sport s'opera col mezzo di archi e freccie, come anche con trappole d'ogni genere. Il pappagallo è ugualmente uno dei loro cibi più usuali.

Per cuocere le vivande, i Mundrucus accendono un gran fuoco e cercano ottenere una gran quantità di carbone infiammato e ceneri infuocate. Su questo focolare incandescente collocano una graticola fatta con rami di pino, ed è su quest'utensile primitivo che stendono le prede delle loro caccie od i pesci che vogliono arrostire.

Spesse volte, quando non havvi il tempo di fabbricare una graticola, il Mundrucus infila la sua carne o il suo pesce su un pezzo di legno e li fa arrostire allo spiedo.

Aggiungerò, terminando, che il governo delle tribù Mundrucus è di forma autocratico. Il capo, di nome Tashoo, è investito d'un potere illimitato, che non gli dà però il diritto d'uccidere i suoi sudditi, quando gli pare e piace. Ma invece li tiene suoi schiavi, e costoro si sottomettono alla sua volontà.

La religione dei Mundrucus non rassomiglia a quelle di tutte le popolazioni delle due Americhe.

Na prática da agricultura, os Mundurukus são muito habilidosos. São as mulheres e as crianças que abrem os sulcos, plantam, semeiam, colhem as leguminosas e os frutos.

A carne é rara no país desses selvagens, porque bois e ovelhas não fazem parte dos animais domésticos dessas tribos. *Sockos*[11], vampiros e moscas não permitem a criação de gado, mas os Mundurukus caçam antas, pássaros e macacos. Esse tipo de esporte é praticado com arco e flecha, além de armadilhas de todos os tipos. O papagaio também é um dos seus alimentos mais habituais.

Para cozinhar os alimentos, os Mundurukus acendem uma grande fogueira para obter grande quantidade de carvão e cinzas ardentes. Nesta lareira incandescente colocam uma grelha feita com galhos de pinheiro, e é nesta ferramenta primitiva que colocam as presas das suas caçadas ou os peixes que querem assar.

Muitas vezes, quando não têm tempo de fazer uma grelha o Munduruku enfia a carne ou o peixe num pedaço de madeira e assa no espeto.

Acrescentarei, para concluir, que o governo das tribos Mundurukus é de forma autocrática. O chefe, chamado Tashoo[12], é investido de poder ilimitado, que, no entanto, não lhe dá o direito de matar seus súditos quando quiser. Mas, em vez disso, ele os mantém como escravos, e eles se submetem à sua vontade.

A religião dos Mundurukus não se assemelha às de todas as populações das duas Américas.

[11] **(N.T.)** Socko não existe. Há o socó-boi (*Tigrisoma lineatum*), uma ave que existe na região, mas não se entende por qual razão ela impossibilitaria a criação de bovinos.
[12] **(N.T.)** Não consegui encontrar nada a este respeito.

Essi credono a dei buoni e cattivi per essi, praticano delle cerimonie assurde e si lasciano ingannare da stregoni che vivono del mestiere. Questo stregone che le Pelli-Rosse dell'America del Nord chiamano l'uomo-medicina è chiamato paggio dai Mundrucus.

Mayne Reid

Acreditam em deuses que lhes são bons e maus, praticam cerimônias absurdas e se deixam enganar por feiticeiros que vivem de sua profissão. Este feiticeiro, a quem os Peles Vermelhas da América do Norte chamam de curandeiro, é chamado de pajé pelos Mundurukus.

[Thomas] Mayne Reid

Referências

Mayne-Reid, T. (1881). I popoli selvaggi. I Mundurukus decapitatori. *Giornale illustrato dei viaggi e delle avventure di terra e di mare*. Milano, anno III, n.146, 16 giugno 1881. pp. 330-331. https://bit.ly/3Twbjkq.